

## ELEMENTOS ÉPICOS E INTERPRETAÇÃO RESTITUCIONISTA DA HISTÓRIA NO *ESPELHO DOS MÁRTIRES*

ELAINE CRISTINE SARTORELLI\*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

**RESUMO:** *A proposta deste artigo é apresentar e comentar alguns elementos próprios dos gêneros narrativos (épico e historiográfico) presentes no martirólogo anabatista O Espelho dos Mártires, de Thieleman J. van Braght, no qual as perseguições religiosas são interpretadas e, por conseguinte, narradas a partir de uma perspectiva marcadamente épica, numa tentativa não apenas de cantar os feitos dos heróis/mártires, mas também, e, principalmente, de atribuir uma origem e um significado divinos aos eventos históricos daquele dado momento concreto em que ocorreram, o século XVI. A própria existência de um grupo de auto-denominados mártires reflete uma mentalidade e uma cultura, bases de uma completa interpretação historiográfica cristã, em que o Advento futuro (intervenção divina na História) está sendo decidido na guerra entre aqueles que buscam restituir o Cristianismo para preparar essa vinda e aqueles que visam a impedi-la por meio da eliminação dos cristãos “verdadeiros”, os mártires.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *épica; historiografia; século XVI; martirólogo.*

Herdeiro do Humanismo e do Renascimento, era das Grandes Descobertas e palco da Reforma, o século XVI assistiu ainda, em meio a tantos outros fenômenos característicos dessa época de crises, à execução em massa dos “heréticos” anabatistas, numa política de extermínio de tal forma desenvolvida a partir dos anos 30 do XVI (e especialmente depois de Münster), que estes logo tiveram farto material para martirólogos próprios, nos quais, além de listagens ao estilo dos anais, com o cômputo dos mortos e relatos “históricos” de seus martírios narrados por testemunhas oculares, visavam ainda a proporcionar exemplos de comportamento perante os horrores da tortura e da morte. O martírio foi então, à seme-

lhança do que ocorrera nas grandes perseguições romanas aos cristãos primitivos, assimilado como traço distintivo do herói cristão na guerra contra o Mal, e sua morte, como sinal definitivo de sua vitória. No século XVI, considerar a possibilidade de adesão ao anabatismo implicava em considerar ainda a realidade da pena de morte<sup>1</sup>. No início da Idade Moderna, pois, o martírio, preparado com exortações e cantado depois em versos, converteu-se numa *ars moriendi* (GREGORY, *op. cit.*, p. 52).

### A *restitutio*

Para diferenciar a proposta anabatista da *Reformatio* protestante, historiadores atuais adotam a fórmula “Reforma Radical”<sup>2</sup>. No século XVI, entretanto, seus adeptos chamavam-na simplesmente *restitutio*, denominação que encerra em si todo o programa (“restituir ao Cristianismo a pureza de sua origem”), a doutrina (retorno aos ensinamentos “antigos”, ou seja, pré-nicenos) e a visão de mundo do movimento. Pois há aqui, na premissa mesma de sua teologia, uma interpretação da História humana como revelação divina e que atingiu seu ponto culminante com a presença – aceita como indubitavelmente real – de Cristo na terra. Assim como tudo o que acontecera antes da época apostólica fora prefiguração, tudo o que aconteceu depois, com a ingerência do poder temporal, realizada, segundo os “radicais”, no Concílio de Nicéia, é decadência e perdição. Por isso, esperava-se o novo Advento, o retorno, o Milênio – mas a espera desse evento futuro significava, na verdade, a reimplantação do passado, numa perspectiva a um só tempo histórica (o que já aconteceu) e apocalíptica (o que está para acontecer). Ambas, entretanto, estão submetidas uma à outra: o passado é reinterpretado à luz da promessa divina acerca dos acontecimentos futuros, e o porvir pode ser visto com absoluta precisão naquilo que já aconteceu. O valor do passado é o da evidência, da prova, do *signum*; tudo o que acontecera até então havia ocorrido para que se chegasse até aquele ponto, o da batalha final. E esta representava o fim da História e o começo da eternidade, o tempo da “restituição de todas as coisas” (At. 3, 21).

A concepção mesma de História como *restitutio* identifica-se com a idéia épica de que os eventos organizam-se circularmente, ou antes em espiral, culminando, no final de tudo, com a *restauração* da antiga ordem, ou a transposição desta para outro plano, superior. A fórmula *completum tempus*, por conseguinte, não contém em si uma metáfora, mas uma revelação: uma “história do futuro”, concebida como realidade por ora iminente, porém concreta, porque subjacente na

natureza mesma de todas as coisas, ainda que estas se tenham desviado pela ação do Mal. E, como o mundo foi posto a perder pela intervenção do Anticristo, o adversário sobrenatural, este *tempus restitutionis omnium* só poderá impor-se por meio de uma grande batalha. Nessa guerra de dimensões divinas, os heróis são os mártires.

Se o dado histórico da existência de períodos de intensa repressão aos cristãos ou a grupos dentro do Cristianismo não representava novidade, da mesma forma tampouco era nova a narração desses acontecimentos à maneira épica. Juvenco, por exemplo, já havia escrito no século IV um poema em quatro livros, *Euangeliorum libri*, em que cantava, em 3.219 hexâmetros, as “façanhas” de Cristo (*Christi vitalia gesta*). E Prudêncio, no seu *Peristephanon* (ou *Livro das Coroas*) já havia realizado a apropriação das virtudes dos modelos heróicos antigos, tais como a relação *fortitudo/sapientia*, adaptando-as ao mártir cristão, apresentado como o novo herói épico, capaz de ultrapassar a estatura humana em seu engajamento numa batalha de dimensões sobrenaturais.

Os elementos épicos presentes nas narrativas desses martirologios são deliberada e intencionalmente destacados pelos autores. Há o tema da guerra, aqui uma batalha divina, e, nela, homens capazes de subverter o curso dos acontecimentos por meio da vitória sobre a morte. Há ainda a missão atribuída pela divindade e um destino, o de continuar salvando a humanidade à medida em que se continua reescrevendo a memória da gesta cristã com as narrativas de suas próprias mortes exemplares. Tampouco falta a descida ao inferno, como em Prudêncio, que elabora intencionalmente a imagem da prisão subterrânea como metáfora para a *katabasis* épica, ao descrever a descida do cristão à prisão escura e às câmaras de tortura como experiência equivalente à viagem de Odisseu ou de Enéias ao Reino dos Mortos. Que a apropriação da linguagem épica seja consciente, demonstra-o o passo do relato de Prudêncio acerca da prisão da mártir Eulália de Mérida, cuja jornada a levou “per loca senta situ” (3.47), reproduzindo exatamente as mesmas palavras que Virgílio emprega no verso 462 Canto VI.

E o próprio Agostinho, em *A Cidade de Deus*, X, 21, explicita a referência, quando afirma que “a estes”, os mártires, “com muito maior propriedade, se o uso lingüístico da Igreja o permitisse, chamaríamos nossos heróis” (*hos multo elegantius, si ecclesiastica loquandi consuetudo pateretur, nostros heroas vocaremus*), insistindo em seguida que “nossos mártires chamar-se-iam heróis, como disse, se o uso da linguagem eclesiástica o permitisse” (*martyres nostri heroes nuncuparentur, si, ut dixi, usus ecclesiastici sermonis admitteret*).

E, de fato, os martirológios cristãos mantêm em comum com a tradição oral da epopéia pré-clássica a característica de cantar pessoas e eventos considerados reais pela audiência, tidos por esta como fatores de unificação religiosa e cultural da “tribo”. Severamente perseguidos e freqüentemente condenados à clandestinidade, os primeiros cristãos em Roma, como depois os anabatistas do século XVI, reconheciam-se e fortaleciam-se no exemplo de seus heróis martirizados.

Esse traço herdado da oralidade permanece mesmo nos martirológios da Idade Moderna, concebidos já sob a nova mentalidade implantada pela utilização do livro impresso em larga escala. O rigor do pesquisador que copia e faz publicar os autos dos processos inquisitoriais e os documentos oficiais convive com a necessidade desse mesmo narrador de atribuir a esses fatos históricos um sentido divino que apontasse para uma vitória final gloriosa, ainda que, aparentemente, segundo o julgamento do mundo, em total disparidade com a realidade dos massacres a que estavam submetidos, e cujos horrores são apresentados na quantidade e com a precisão dos catálogos. Diferentemente das vidas dos santos dos “papistas”, ainda, os martirológios reformados não trazem narrativas de milagres ou intervenções angélicas; fiéis ao espírito do século XVI, seus relatos colocam em primeiro plano o homem e seu exemplo.

### *O Espelho dos Mártires*

Tendo em mãos um vasto material de grande intensidade dramática, o anabatista holandês Thieleman Janz van Braght editou o mais completo e conhecido martirológio radical, o *Espelho dos Mártires*, uma compilação de “crônicas, memórias e testemunhos autênticos”. Seu título completo é um resumo perfeito daquilo a que se propõe: *O Teatro de Sangue ou o Espelho dos Mártires. Dos cristãos indefesos que foram batizados somente sob confissão de fé e que sofreram e morreram pelo testemunho de Jesus, seu Salvador, desde o tempo de Cristo até o ano de 1660 d.C*<sup>3</sup>. O autor, portanto, apresenta-se como um pesquisador, que, tendo reunido material “autêntico”, tem por objetivo contar a história real dos anabatistas que foram, de fato, perseguidos e mortos durante um dado período histórico, conforme atestam editos imperiais, autos de processos, documentos católicos e tratados protestantes, muitos dos quais o autor cita parcial ou integralmente. Van Braght, entretanto, não apenas narra os fatos tais como foram documentados, mas, além disso, atribui-lhes origem e conseqüência divinas, ao mesmo tempo em que os anabatistas são descritos não como inovadores ou sectários do século XVI, mas como descendentes diretos dos mártires dos tempos evangélicos.

Há, portanto, características de duas formas do gênero narrativo, tanto na forma quanto no conteúdo: há episódios, retratos, biografias, discursos e catálogos como na Historiografia, bem como “o espetáculo instrutivo dos exemplos” e a noção de que os acontecimentos encadeiam-se segundo uma lógica, que, no século XVI, é a da batalha celestial reproduzida também na terra. Mas os principais elementos épicos também estão presentes: primeiramente, trata-se de uma guerra, a maior de todas, contra o Anticristo, e é preciso que o verdadeiro cristão siga os passos de Paulo e combata o “bom combate” (II Tim. 4, 7-9); em segundo lugar, os mártires, inspirados pelas palavras divinas, comportam-se como seres sobre-humanos diante da tortura e da morte; depois, fazem-no em nome de uma causa grandiosa, a restituição da verdadeira Igreja; seus feitos, ademais, são exemplos de valor e coragem. São também eles próprios as vítimas exigidas nos sacrifícios, e o relato de sua passagem pelas masmorras inquisitoriais rivaliza com as descidas infernais de Odisseu ou Enéias. Mas o caráter épico do martirológico se acentua precisamente na morte, quando se dá a apoteose do mártir/herói, e este é elevado aos céus, onde recebe sua “abençoada coroa de glória imortal” e, como justo, passa à vida eterna.

Quando o trabalho de van Braght é, ele próprio o afirma, o de um historiador, as *res gestae* dos “mártires sagrados” do século XVI são pormenorizadamente narradas por ele a partir de fontes tidas não apenas como fidedignas, mas também inéditas, e oferecidas ao leitor como aval não de verossimilhança, mas de verdade.

Ao mesmo tempo nós esperamos enriquecer estes relatos com vários piedosos testemunhos de Jesus extraídos de memórias confiáveis e de registros escritos, que nunca antes foram tornados públicos; e também seus interrogatórios, sentenças de morte, cartas e outras coisas conectadas com o tema; as quais nós obtivemos para este propósito das mãos dos magistrados, autoridades criminais, funcionários criminais e outras fontes, com não pequeno trabalho e custo (VAN BRAGHT, p. 354).

Assim como os historiadores antigos, van Braght acredita que a História tenha uma função didática, e, portanto, propósitos edificantes ou moralizadores, e, como aqueles, culpa a “riqueza”, a “abundância” e a “lascívia” pelo “tempo dissipado”, recorrendo aos catálogos de vícios e virtudes para marcar a diferença entre os mártires e os outros, que deveriam imitá-los. Vivendo na segunda metade do XVII, van Braght, ele mesmo jamais ameaçado com o martírio por heresia, via na prosperidade material de sua época o motivo da decadência espiritual desta em relação ao século anterior, marcado por intensas perseguições.<sup>4</sup>

Em tempos de perseguição, palavras e colóquios consistiam de instruções edificantes, e chamamentos para a piedade, a exaltação do nome de Deus, consolações mútuas no sofrimento, exortações e incitações à constância, e recomendações de salvação eterna. Examinai uma vez, se até este momento não emprestastes vossa língua para agradar a homens frívolos e mundanos com fala vã e inútil; se, desse modo, não apenas não promovestes a piedade, mas fostes antes obstáculo e dano para ela; se não difamastes o bom nome e a reputação de vosso vizinho; e se vossa língua não era, pela mentira e pelo engodo, devotada à avariza. Em tempos de cruz, o tempo era gasto em exercícios pios, em consolar e edificar um ao outro, em visitar aqueles na prisão, e em preparar-se para o sofrimento por meio de devotas meditações. Considerai uma vez a que dedicastes o tempo precioso; quanto dele foi dissipado na voluptuosidade e na vaidade; quanto foi desperdiçado em disputas e querelas; quanto foi perdido em ansiedade desnecessária e labor; e quão pouco restou para a devoção. Sem dúvida, achareis que a ausência da vara de correção rendeu homens ímpios e sem reverência, e que “a lascívia da carne, a lascívia dos olhos e o orgulho da vida” usurparam o lugar da piedade e da humildade. Mas o mais perigoso de tudo é que poucos examinam a si mesmos; poucos lamentam-se a si mesmos. Muitos, sem o saber, são pobres, desnudos e cegos, os quais, com aqueles de Laodicéia, pensam que são ricos e que têm tudo em abundância (Rev. 3, 17); mas é uma riqueza de que Deus não se agrada, e por meio da qual as riquezas espirituais, que consistem em fé e amor, numa fé viva e numa boa consciência, são diminuídas. Vide nos escritos dos mártires qual era sua vida, como era seu sofrimento, como sua constância. Era vontade do Senhor que os filhos de Israel relembassem os caminhos de seus pais, e a instrução de sabedoria aí escondida; pois todos eles, ancestralidade e posteridade, são considerados um só corpo (Deut. 8,2). Diz-se freqüentemente por intermédio dos profetas: “Trouxe-te da terra do Egito; mas isto havia sido feito para seus pais (Micah. 6,4; Sl. 81,10; Hos. 11,1). Examinai vossos caminhos, e comparai-os com os deles, e vide se o amor do mundo não cegou vossos olhos e os afastou de Deus. Muitos, quando não podiam usar do mundo, voltaram-se para a necessidade de Deus, como seu mais próximo refúgio; mas tão logo tiveram um tempinho para respirar, de novo começaram a voltar-se para o mundo; os pais tornaram-se ricos, os filhos, luxuriosos e frívolos; o mundo os acariciou, e, no decurso do tempo, tornaram-se respeitados e elevaram-se; a censura da cruz foi abandonada, e a honra deste mundo

assumiu seu lugar. E esta foi, na Igreja primitiva, a razão por que Deus permitiu que a mais terrível perseguição adviesse na época do Imperador Diocleciano, para que dessa forma Seus filhos, que já começavam a associar ao mundo comum, pudessem ser castigados (Eus., lib. 8, cap. 1). Logo, devemos cuidar bem para que não incorramos como culpados, a fim de que não sobrevenha para nós o que sobreveio para eles; pois ninguém andou pior naqueles tempos do que aquele que não fez bom uso de seu tempo; esse tal será então visitado com pesar, desgosto e miséria; mas, para aqueles que amam a Deus, todas as coisas contribuem para o bem; eles são purificados e provados pelo fogo depurador (VAN BRAGHT, p. 632).

Já no *Prefácio aos leitores em geral* (p. 11), van Bragh recorre a várias referências da Antigüidade clássica sem, entretanto, fazer distinção entre épica e historiografia:

Outrora, entre os pagãos, as maiores e mais altas honras e eram reservadas aos guerreiros valentes e triunfantes, que, arriscando suas vidas na terra do inimigo, conquistavam e obtinham a vitória. Assim Homero, o maior dos escritores da poesia heróica da Grécia, enalteceu e ornou com muitos elogios, em vinte e quatro livros, os feitos guerreiros de Ulisses. Quinto Cúrcio descreveu, em dez livros, os façanhas de Alexandre, o filho de Filipe da Macedônia: quão triunfantemente ele conquistou e subjugou a Europa, a Ásia, a Índia e os países às margens do oceano oriental, até que finalmente perdeu a vida na Babilônia. Plutarco compôs um volumoso trabalho dedicado ao louvor de homens ilustres e valentes. Tito Lívio escreveu sobre os heróis romanos, de quão louvavelmente empenharam-se, no interesse do país de Rômulo. Virgílio Marão e outros elogiaram o imperador Augusto. E este uso permaneceu desde os tempos antigos, e permanece ainda, em toda terra, sim, por todo o mundo (VAN BRAGHT, p. 13).

Logo a seguir, van Bragh lança mão do recurso a elementos épicos para, primeiro, vincular a imagem do mártir moderno ao herói da Antigüidade e, em seguida, provar a superioridade daquele sobre este, uma vez que, afirma, nenhum soldado, imperador ou herói, entretanto, pode igualar-se em coragem ao mártir cristão:

Já falamos sobre a grande honra que o costume conferiu aos guerreiros corajosos e triunfantes; embora nenhum desses todos, não importa quão grandioso, poderoso, valente e vitorioso ele possa ter sido, ou quão grandes a honra e a glória com as quais ele possa ter sido louvado, possa de forma alguma ser comparado ao menor mártir que sofreu pelo testemunho de Jesus Cristo (VAN BRAGHT, p. 13).

O mesmo ocorre na página seguinte:

A honra que é devida ao mártires santos é portanto infinitamente maior e melhor do que aquela dos heróis terrenos; assim como o combate que eles combateram era infinitamente mais proveitoso, e sua vitória, vinda da mão de Deus, infinitamente mais digna de louvor e gloriosa (VAN BRAGHT, p. 14).

Um passo interessante ilustra, em seguida, um tema importante para esta discussão, e diz respeito à eternidade da glória do mártir, que perdurará mesmo quando a História humana houver terminado.

Ó guerra a mais agradável, que não trouxe dano a ninguém, mas bem a todos! Ó heróis abençoados, que combateram este combate! Príncipes ou reis não podem ser comparados a vós; pois todas as honras obtidas pelos heróis terrenos na terra com a terra desaparecerão; mas vossa honra é uma honra perene; vossa glória jamais cessará, sim, perdurará enquanto perdurar Deus, a quem vós servistes (VAN BRAGHT, p. 14).

Homero é mencionado novamente por Van Braght no início da Segunda Parte de *O Espelho dos Mártires*, quando, tendo narrado as perseguições sofridas pelos cristãos nos “quinze sangrentos séculos” anteriores, julga ter alcançado a metade do que deve ser contado, uma vez que, em quantidade, o número dos mártires modernos é equivalente ao de toda a história anterior do Cristianismo. E, mais uma vez, retorna a idéia da imperecibilidade da coroa do mártir, que, ao contrário dos monumentos erigidos em memória de outros heróis, participa da eternidade do mesmo Deus.

Pois, verdadeiramente, aqueles que encontramos aqui não são guerreiros gregos, que se alistaram sob o herói Agamêmnon, ou seu general Heitor. Nem as tempestades e ataques que nós suportamos

foram feitas sobre uma cidade construída com mãos, muito menos sobre a cidade de Ílion, na Frígia. Nem os conquistadores queimaram barris de piche em sinal de vitória. Nem os heróis que devotadamente arriscaram suas vidas fizeram-no para obter folhas de carvalho murchas ou coroas de louros como marcas de honra. Ora, se eles morreram, suas covas não foram ornamentadas com tumbas, pirâmides ou obeliscos, os quais eventualmente perecerão com o mundo (VAN BRAGHT, p. 353).

E continua, logo abaixo:

A honra que obtiveram por sua vitória é uma honra eterna; sua alegria, uma alegria perpétua; as coroas triunfais que lhes foram dadas são coroas eternas e celestiais. Não há aqui tumbas, pirâmides ou obeliscos, é preciso mencionar, para honrar seus corpos mortos, uma vez que suas almas foram honradas junto a Deus, e alcançaram descanso sob o altar de Deus, o lugar de todos os mártires abençoados (VAN BRAGHT, p. 353).

Num outro passo, Van Braght continua a enaltecer as recompensas que receberão os mártires, os quais “viverão para sempre com Deus em eterna alegria” junto a Deus na Jerusalém celeste, essa milenarista cidade do futuro que advirá com a vitória sobre as forças do Mal, o “eternamente glorioso reino dos céus” (p. 409). E, na medida em que o mártir tem papel fundamental no desfecho dessa batalha, ele é também, portanto, como o antigo herói civilizador, um fundador - não de um império humano, mas de uma cidade que, agora promessa, há de ser eterna, mas que já estava prevista desde a eternidade para que ele a habitasse.

Este glorioso reino do céu é-nos prefigurado e representado por uma cidade cheia de todas as coisas boas, e a Nova Jerusalém, descendo do céu, que é belamente preparada por Deus, como uma noiva adornada para seu esposo; suas ruas são de ouro puro, e seus portões e paredes construídos e belamente adornados com inúmeras pérolas e pedras preciosas. Nesta cidade está a glória do Deus Todo-Poderoso, que nem Moisés no Monte Sinai, nem os olhos de qualquer mortal estavam preparados para contemplar. Este fulgor e esta luz perene brilharão nesta cidade para sempre. Aqui, toda tristeza e pranto, frio, nudez, fome e sede serão transformados em eterna, satisfatória

alegria e consolação. Esta glória e esta alegria são tão excessivamente grandes e indizíveis, que o olho não viu, nem o ouvido escutou, nem sequer entraram ainda no coração do homem as coisas que Deus preparou para aqueles que O amam; e, neste estado celestial, que está além de todo louvor, todos os que acreditam em Deus e agradam a Ele serão, na ressurreição dos mortos, quando suas almas, que foram pela morte separadas de seus corpos, e até este momento estavam preservadas na mão de Deus, reunidos com seus corpos e arrebatados desta escuridão terrenal para encontrar-se com o Senhor nas alturas (VAN BRAGHT, p. 409).

Embora pareça estar falando dos crentes em geral, van Bragh está se referindo aos mártires, como o parágrafo abaixo, continuação do anterior, autoriza-nos e mesmo leva-nos a pensar quando nos dá a referência intertextual pela qual remete o leitor ao capítulo 7 do Apocalipse, o *locus classicus* da martirologia.

E, como uma noiva é recebida por seu noivo, assim também todos os verdadeiros filhos de Deus serão então recebidos com corpo e alma por meio da graça, por Cristo Jesus, e serão admitidos a esta alegria gloriosa, onde eles verão a Deus como Ele é, em Sua indizível glória, juntamente com todos os hóspedes celestiais. Então suas veste de pranto, ou roupa mortal de carne, ser-lhes-á tirada, e a imortal ser-lhes-á colocada; e eles serão vestidos de branco, traje reluzente, e, juntamente com todos os escolhidos de Deus, serão alimentados pelo filho de Deus, de que eles deram testemunho no mundo, com o pão celestial oculto, e comerão da árvore da vida, e beberão da fonte de águas vivas, e, sendo como os anjos, com línguas e bocas plenas de contentamento, cantarão, com vozes alegres, a nova canção, em honra do Cordeiro, seu noivo, com indizível, gloriosa alegria, que ninguém pode tirar-se-lhes; mas eles serão reis e sacerdotes de Deus, e viverão para sempre e reinarão com Cristo para todo o sempre (VAN BRAGHT, p. 409).

Outro dado importante a se levar em consideração neste momento é que van Braght fala em nome dos menonitas e de outros anabatistas pacifistas quando mantém a *promessa* de uma Nova Jerusalém, afastando-se assim, mais uma vez, dos revolucionários armados que haviam tomado Múnster, e com os quais os demais haviam sido sempre confundidos. Mediante a acusação de sedição de católicos e protestantes, van Braght apresenta a sua versão da História cristã, da qual

estão excluídos os münsteritas.<sup>5</sup> Longe de ser irrelevante, essa exclusão diz muito acerca do conceito de História que está em jogo: a escrita pelos homens que lutam com armas “do mundo” numa cidade terrena, ou a dos mártires, cuja arma é a paciência de suportar aquilo que há de preparar e possibilitar o futuro prometido.<sup>6</sup> Jan Bockelson de Leiden, que assumira literalmente o papel de “monarca davídico” dos Últimos Dias ao fazer-se coroar rei em Münster, foi, com a queda da cidade, submetido a torturas tão brutais que com ferros em brasa que despertou até mesmo a simpatia de um luterano, testemunha dos acontecimentos.<sup>7</sup> Como anabatista foi capturado, julgado, torturado e executado, e, no entanto, seu martírio não é contado no *Espelho dos Mártires*, manifesto de uma outra corrente, para a qual a fórmula “rei cristão” contém em si uma contradição em termos, assim como a descrição de um cristão portando uma espada seria um oxímoro. Os anabatistas vêem-se e colocam-se como heróis “pacientes”, ou seja, suas *res gestae* não visam a conquistar este mundo, mas antes expressam sua negação dele. Trata-se de um heroísmo voltado para a vida eterna e que, por conseguinte, pressupõe a morte do corpo físico numa batalha que está sendo travada na terra, mas que é espiritual.

Por esse motivo, as insistentes descrições de torturas não são indício de fraqueza ou morbidez, mas antes a prova da força que só os maiores dentre todos poderiam demonstrar. Nesse sentido, cumprem função similar à da viagem do herói ao mundo inferior na épica clássica, ou seja, a validação do herói que percorreu o vale dos mortos sem se perder como o “eleito”. No *Espelho dos Mártires*, diz van Braght já na primeira página do *Prefácio* que “não esperéis que nós vos levemos a teatros gegos, para assistirdes a comédias agradáveis ou a alegres atuações”; ao contrário:

Nós vos guiaremos para vales escuros, até mesmo para os vales da morte (Sl. 23, 4), onde não haverá senão ossos ressequidos, crânios e os esqueletos assustadores daqueles que foram imolados; decapitados estes, afogados aqueles, outros estrangulados na estaca, alguns queimados, outros quebrados na roda, muitos dilacerados por animais selvagens, metade devorados e mortos de muitas formas cruéis.

Mas isso, diz imediatamente em seguida, “não causará real tristeza”, uma vez que:

Embora o aspecto seja lúgubre segundo a carne, a alma, não obstante, regozija-se ao ver que nenhum daqueles que foram imolados preferiu a vida à morte. (...) Ao contrário, muitos deles foram corajosa-

mente ao encontro da morte; alguns até prontificaram-se a passar à frente dos outros, que poderiam ser os primeiros, que não recuariam diante de nenhum sofrimento que os tiranos pudessem imaginar, suportando até mais do que se pensava ser possível para um homem mortal.

Encerrando todo o livro, van Braght traduz e reproduz o capítulo III do *Ad martyres* de Tertuliano, o qual conclui o martirologio não apenas concretamente, mas também simbolicamente. Uma vez que van Braght havia se proposto a tarefa de escrever a História cristã do ponto de vista anabatista, a citação de Tertuliano demonstra não apenas a antigüidade, mas também a permanência do martírio como marca distintiva do cristão “verdadeiro”. Note-se que van Braght, em 1660, acabou de contar a história recente, em grande parte ainda em curso, das perseguições aos anabatistas no século XVI; mas a *peroratio* de seu discurso de mais de mil páginas é um texto antigo, da Patrística pré-nicena. Mais uma vez, a conclusão está “atrás”, naquele passado que (pré)figura e promete o futuro.

Os lugares-comuns da martirologia são mais uma vez mencionados, como o tema da guerra e o da recompensa do guerreiro, no Juízo Final.

Não, nenhum soldado marcha para a guerra com alegria e prazer. Ele marcha para a batalha não de sua cama, mas de sua tenda montada e equipada quando o mundo inteiro é uma série de problemas, tristezas e turbulências; mas, em paz, estão livres do esforço. Eles ensinam como suportar as fadigas da guerra; eles marcham sob armas, exercitam-se no campo, cavam trincheiras e serram madeira para os vários tipos de armamentos e fortificações. Tudo é um contínuo esforço e lida, a fim de que o corpo ou a mente não sejam influenciados pelo medo, do cair da noite ao raiar do dia, do calor do verão ao frio do inverno, do casaco tirado à armadura vestida, do silêncio até o clamor, da tranquilidade até o alarme.

Vós, pois, abençoados, habituai-vos a todas as agruras do soldado, pelo exercício e fortalecimento da mente e do corpo. Vós estais agora marchando para um bom combate, no qual o Deus vivo é o dispensador dos prêmios, e o Espírito Santo é o guardião; a coroação é uma jóia eterna; a cidadania no céu, uma angélica existência, uma glória que vai durar para sempre; pois é Jesus Cristo quem vos confere o prêmio, aquele que vos deu a unção do Espírito Santo e vos alçou a este grau de honra. Que ele vos afaste do trabalho mais leve antes do dia da batalha, que vós sejais atacados com maior violên-

cia, e que vossa força seja confirmada; pois os combatentes têm de suportar disciplina severa e exercício, a fim de que, por meio do empenho, suas forças físicas possam ser melhoradas. Pois, para esta finalidade, são afastados das artes do amor, de ricas provisões e de bebidas fortes; são submetidos à coação, torturados e exercitados; e quanto maior o exercício preparatório que fazem, maior sua esperança de vitória. Agora, eles o fazem, diz o Apóstolo ( I Cor. 9, 25), para obter uma coroa corruptível; mas nós havemos de obter uma eterna. Deveríamos, pois, fazer da prisão um lugar de provas e de exercício, para que possamos nos habituar a todo infortúnio e desconforto, e assim apareçamos com maior confiança perante o julgamento de Cristo.<sup>8</sup>

Os elementos épicos são deliberada e intencionalmente destacados pelo autor. Há o tema da guerra, aqui uma batalha divina, e, nela, homens capazes de subverter o curso dos acontecimentos por meio da vitória sobre a morte. Há ainda a missão atribuída pela divindade e um destino, o de continuar salvando a humanidade à medida em que se continua reescrevendo a memória da gesta cristã com as narrativas de suas próprias mortes exemplares. E a imagem da prisão subterrânea, elaborada como metáfora para a *katabasis* épica, descrevendo a descida do mártir à prisão escura e às câmaras de tortura como experiência equivalente à viagem do semideus da Antigüidade ao Reino dos Mortos.

Diferentemente, entretanto, daquele passado mitológico a que Agostinho chama *fabula*, o material de que partem os textos dos martirólogos pertence aos livros de História na acepção moderna: biografias e feitos de homens que de fato existiram, escreveram, polemizaram, foram levados aos tribunais e sua perseguição, tortura e morte são narradas em autos de processos e documentos oficiais. A origem divina de sua coragem e a causa por que lutavam, entretanto, bem como sua inquestionável vitória final, constituem elementos interpretativos de uma História reelaborada e transformada, pelo “derrotado” histórico, na narrativa de sua participação gloriosa num combate de cujo resultado depende a sorte da própria Criação.

Assim interpretaram os anabatistas a razão de sua perseguição: considerando-se soldados que, tendo tombado no campo de batalha “do mundo”, asseguram, por meio dessa morte/testemunho, seu lugar no céu e sua – literal – imortalidade. Eles próprios, as vítimas, transformaram numa grande, heróica e brilhante epopéia a política de extermínio de que foram objeto, e ao mesmo tempo escreveram, com palavras e com exemplos, uma narrativa coerente e sólida, na qual, se há uma intervenção divina na História humana, existe também, em contrapartida, uma

participação humana na Revelação divina. Do ponto de vista do mártir, é possível ao homem, ainda que aniquilado no mundo físico, tornar-se um herói pronto a entrar na eternidade de forma gloriosa, pois, tendo lutado “o bom combate” e morrido para dar testemunho da causa de que fora porta-voz, contribuiu para *restituir* o Cristianismo verdadeiro e, portanto, também a maior promessa deste, que é vencer a morte.

## NOTAS

\* Professora Assistente de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.

1 O primeiro rebatismo ocorreu em janeiro de 1525, em terras reformadas por Zwinglio (ESTEP, William R. *The Anabaptist Story. An Introduction to Sixteenth-Century Anabaptism*. (third edition). Grand Rapids, MI / Cambridge, UK, William B. Eerdmans Publishing Co., 1996, p. 13). O movimento cresceu rapidamente, bem como as perseguições. Em seu Edito promulgado na Segunda Dieta de Espira, de 23 de abril de 1529, Carlos V, o “imperador romano, supremo advogado e guardião de nossa fé cristã”, afirma que “ser batizado de novo ou por segunda vez” está “proibido no direito imperial”, “sob pena de morte”. Os anabatistas e seus “caprichosos, tendenciosos e revoltosos sequazes” são o alvo dessa lei, que ordena ainda que “todos os anabatistas e todos os homens e mulheres que tenham sido rebatizados, sempre que estejam na idade da razão, sejam condenados à morte e privados da vida natural mediante a fogueira, a espada e coisas semelhantes”. E aconselha também que “não se mostre o menor sinal de clemência com nenhum deles, nem com os mencionados pseudo-pregadores, instigadores, vagabundos e tumultuosos incitadores do dito vício do anabatismo” (WILLIAMS, G.H. *La Reforma Radical* (trad. de Antonio Alatorre). México: Fondo de Cultura Económica, 1983, pp. 273-4). Seu filho, Filipe II, acirrou ainda mais a perseguição, e chegou a afirmar que preferiria perder “todos os meus estados e até cem vidas, se as tivesse”, do que ser “soberano de hereges” (GREGORY, Brad. *Salvation at Stake: Christian Martyrdom in Early Modern Europe*. Harvard Historical Studies, 134. Cambridge & London: Harvard University Press, 2001, p. 91).

Em Hesse, o duque Filipe decretou que os anabatistas estrangeiros sofressem penas de açoitamento, além de ser marcados com ferro quente nas faces antes de ser expulsos da região. Se regressassem, expor-se-iam à pena de morte. Quanto aos locais, foi-lhes ordenado que vendessem todos os bens e partissem. Se voltassem uma vez, sofreriam tortura e, na segunda vez, pena de morte (WILLIAMS, *op. cit.*, pp. 483-4).

2 Fórmula consagrada a partir da publicação de *The Radical Reformation*, de WILLIAMS, G.H., em 1962.

3 *Het Boedig Toonel, of Martelaers Spiegel del Doops-Gesinde of Weereloose Christenen*. A edição utilizada, *The Bloody Theater or Martyrs Mirror of the defenseless Christians who baptized only upon confession of faith, and who suffered and died for the testimony of Jesus, their Savior, from the time of Christ to the year A.D. 1660*. Compiled from various authentic chronicles,

*memorials, and testimonies, by Thieleman J. van Bragh.*, foi traduzida para o inglês por Joseph F. Sohm em 1887 a partir do original em holandês e publicada por Herald Press, 1977. Todos os passos utilizados neste artigo foram traduzidos pela autora.

- 4 A esse respeito, diz GREGORY: "The irony was profound. A century before, Mennonites had intoned, in song, the desire that magistrates might "let God's good children live in your lands". The *Ausbund* warned authorities not to abuse their power by persecuting innocent Christians. Now a Mennonite martyrologist, of all people, found toleration more dangerous than persecution to spiritual well-being", p. 246.
- 5 "Quanto às seitas e às heresias que existem no mundo, como aquelas de Münster ou de Amsterdam, ou de qualquer outra parte, nós de forma alguma temos sociedade ou parte com suas atividades, nem com suas doutrinas, mas antes as consideramos doutrinas de demônios", diz Jacques D'Auchy ao comissário que o interroga, segundo van Braght, p. 593.
- 6 "The Catholic and Protestant tarring of all Anabaptists with the Münsterite brush eventually inspired a full-blown Mennonite version of Christian history", segundo GREGORY, p. 247.
- 7 KLASSEN, Walter, *Living at the End of the Ages. Apocalyptic Expectation in the Radical Reformation*. Lanham & New York & London: University Press of America, 1992, p. 83.
- 8 VAN BRAGHT, pp. 1139-40. Tradução de Van Braght para o capítulo III de *Ad martyres* de Tertuliano: *Sit nunc, benedicti, carcer etiam Christianis molestus. Vocati sumus ad militiam Dei vivi iam tunc, cum in sacramenti verba respondimus. Nemo miles ad bellum cum deliciis venit, nec de cubiculo ad aciem procedit, sed de papilionibus expeditis et substrictis, ubi omnis duritia et inbonitas et insuavitas constitit. Etiam in pace labore et incommodis bellum pati iam ediscunt, in armis deambulando, campum decurrendo, fossam moliendo, testudinem densando. Sudore omnia constant, ne corpora atque animi expavescant de umbra ad solem et sole ad gelum, de tunica ad lorica, de silentio ad clamorem, de quiete ad tumultum. Proinde vos, benedicti, quodcumque hoc durum est, ad exercitationem virtutum animi et corporis deputate. Bonum agonem subituri estis in quo agonothetes Deus vivus est, xystarches Spiritus Sanctus, corona aeternitatis, brabium angelicae substantiae, politia in caelis, gloria in saecula saeculorum. Itaque epistates vester Christus Iesus, qui vos Spiritu unxit, et ad hoc scamma produxit, voluit vos ante diem agonis ad duriolem tractationem a liberiore condicione seponere, ut vires corroborarentur in vobis. Nempe enim et athletae segregantur ad strictiorem disciplinam, ut robori aedificando vacent. Continentur a luxuria, a cibis laetioribus, a potu iucundiore. Coguntur, cruciantur, fatigantur: quanto plus in exercitationibus laboraverint, tanto plus de victoria sperant. Et illi, inquit Apostolus, ut coronam corruptibilem consequantur. Nos aeternam consecuturi carcerem nobis pro palaestra interpretamur, ut ad stadium tribunalis bene exercitati incommodis omnibus producamur, quia virtus duritia exstruitur, mollitia vero destruitur.*

SARTORELLI, Elaine Cristine. *Epic elements and restitutive interpretation in the Martyrs' mirror.*

**ABSTRACT:** *This paper presents and comments some elements of the narrative genres (epic and historiography) in the Anabaptist martyrology*

*Martyrs' Mirror, by Thieleman J. van Braght, in which the religious persecutions are interpreted and narrated from an epic perspective. In the other hand, the very existence of "martyrs" reflects a mentality and a culture in which the future Advent (divine intervention in History) is being decided in a war between those who search for the restitution of the primitive Christianity in order to prepare that Advent and those who intend to hinder it.*

**KEY WORDS:** *epic; History; Sixteenth-Century; martirology.*